

Para uma história da universidade nas coleções de museus: o Museu para a história da Universidade de Pavia e o Museu europeu dos estudantes de Bolonha

Resumo

A presente contribuição pretende centrar a sua atenção em um tipo específico de instituição universitária: os museus para a história da universidade. Na Itália, apesar da tradição ultrassecular da universidade, existem apenas dois: o Museu para a história da Universidade de Pavia e o Museu europeu dos estudantes de Bolonha. Pouco estudados até agora, não há dúvida de que sejam uma experiência bem-sucedida de musealização do patrimônio livresco, fotográfico e iconográfico que documenta, celebra e valoriza a história da Universidade.

Palavras-chave: História da universidade. História da educação. Historiografia. História dos estudantes. Itália.

Luigiaurelio Pomante

Università degli Studi di Macerata
– Italia

luigiaurelio.pomante@unimc.it

Para citar este artigo:

POMANTE, Luigiaurelio. Para uma história da universidade nas coleções de museus: o Museu para a história da Universidade de Pavia e o Museu europeu dos estudantes de Bolonha. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 111-125, set./dez. 2019. Título original: Per una storia dell'Università nelle raccolte museali: il Museo per la Storia dell'Università di Pavia e il Museo Europeo degli Studenti di Bologna. Tradução do próprio autor.

DOI: 10.5965/1984723820442019111

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723820442019111>

For a history of the University in museum collections: the Museum for the History of the University of Pavia and the European Museum of Students in Bologna

Abstract

The present article intends to analyze a specific type of university institution, i.e. museums for the history of the University. In Italy, despite the centuries-old university tradition, there are only two, the Museum for the History of the University of Pavia and the European Museum of Students (MEUS) in Bologna. So far little studied, they are undoubtedly a successful experiment of musealisation of the archival-library, photographic and iconographic heritage that documents, celebrate and valorize the history of the University.

Keywords: History of university. History of education. Historiography. History of students. Italy.

Introdução

O debate historiográfico sobre as universidades e o ensino superior na última década do século XX experimentou uma temporada nova e frutífera na Itália, graças à profunda renovação da historiografia do setor (MORETTI, 1996; POMANTE, 2017). Através da criação de centros de pesquisa locais altamente especializados (BRIZZI, 1996) e acima de tudo graças à fundação em 1996 do Centro Interuniversitário para a História das Universidades Italianas (Centro Interuniversitario per la Storia delle Università Italiane, CISUI), que pela primeira vez reuniu estudiosos de diferentes universidades e de proveniência disciplinar heterogênea, mas igualmente interessados na análise das fontes e no estudo aprofundado da história das universidades e dos sistemas de ensino superior na Itália e na Europa, foi possível registrar um salto considerável nas investigações e na renovação de estudos nesse sentido. Também é verdade, no entanto, que a quantidade considerável e extremamente apreciável de pesquisas produzidas deu pouca atenção a um tipo específico de instituição universitária, ou seja, de museus para a história da universidade, que são, sem dúvida, merecedores de uma análise tão profunda, precisa e pontual quanto os museus da escola e da educação (MEDA, 2010; BRUNELLI, 2013; ASCENZI-PATRIZI 2014; ANDREASSI-BARAUSSE-D'ALESSIO, 2016). Especificamente, parece apropriado concentrar-se em particular no Museu para a História da Universidade de Pavia e no Museu Europeu dos Estudantes (MEUS) de Bolonha. Esses dois museus, embora muito distantes um do outro de um ponto de vista temático e fundados em momentos históricos bem diferentes, representam atualmente os dois únicos casos italianos de museus inteiramente dedicados à história universitária. De fato, ao contrário do que ainda não aconteceu em outras antigas e prestigiadas universidades italianas de longa tradição (apenas para mencionar alguns casos, podemos pensar nas universidades de Pádua, Roma ou Catania, onde também há importantes museus universitários, porém não dedicados à história da universidade), foi realizado um projeto concreto e explícito de musealização do patrimônio arquivístico-livresco, fotográfico, iconográfico, mas também e acima de tudo de objetos, que documenta e valoriza a história da universidade.

O Museu para a História da Universidade de Pavia

O Museu para a História da Universidade de Pavia (GALLIGARO, 1991; FREGONESE, 2001), localizado dentro do prédio central da universidade, com vista para o pátio dos caídos pela pátria, o antigo pátio médico da universidade, fincou as raízes de sua fundação em 1932, ano em que a cidade de Pavia foi sede do IV Congresso da Sociedade Italiana de Anatomia, organizado em conjunto com o centenário da morte de Antonio Scarpa, um famoso anatomista que contribuiu decisivamente para a grande temporada cultural da qual a Universidade de Pavia foi protagonista entre o final do século XVIII e o início do século XIX (GUDERZO, 2003). Na ocasião, o presidente do congresso, Prof. Antonio Pensa, docente de Anatomia Humana Normal, celebrou a memória de Scarpa com uma exposição de suas relíquias originais (autógrafos, livros, instrumentos cirúrgicos, preparações anatômicas), montada no Palazzo Botta, escolhidas entre os objetos presentes nas várias coleções universitárias. No final do congresso e da relativa exposição, foi o então reitor da universidade lombarda, prof. Ottorino Rossi, quem entendeu melhor do que outros como era mais apropriado do que nunca, em plena harmonia com os ideais fascistas da época (LA ROVERE, 2003; POMANTE, 2018), tentar recuperar a gloriosa tradição universitária italiana, favorecendo o conhecimento e a valorização dos tantos séculos de história da instituição de Pavia através de uma estrutura permanente que permitiu a preservação do patrimônio histórico e cultural da universidade e facilitou sua divulgação a um público mais amplo possível. Daí a decisão de fundar o Museu para a História da Universidade de Pavia em algumas salas do antigo museu de anatomia, ainda equipado com as preciosas prateleiras de parede idealizadas por Scarpa em perfeito estilo veneziano. A instalação ficou sob a responsabilidade do próprio Antonio Pensa, enquanto que o cargo de diretor da estrutura criada foi atribuído ao professor Guido Sala, docente de neurologia e bibliógrafo apaixonado.

As peças da exposição formaram assim o núcleo inicial em torno do qual o novo Museu se desenvolveu. Ainda no mesmo ano, numerosos objetos históricos que haviam sido devolvidos à Universidade de Pavia foram direcionados ao museu recém-criado após a Exposição de História da Ciência, realizada em Florença entre maio e outubro de 1929, incluindo vários instrumentos do Gabinete de Física de Alessandro Volta (FREGONESE, 2001, p. 221). Para enriquecer ainda mais a estrutura, tanto Antonio Pensa quanto Guido

Sala puderam recuperar outros materiais médicos de várias coleções da universidade e do hospital da cidade de San Matteo. Assim, chegaram ao museu outras relíquias de Antonio Scarpa, preparações e artigos do cirurgião e anatomista Giacomo Rezia e do anatomista Bartolomeo Panizza, além da preciosa e considerável coleção médico-cirúrgica conservada pelo cirurgião Luigi Porta durante sua longa e frutífera atividade profissional.

O Museu foi oficialmente inaugurado em 1936 e foi imediatamente ampliado graças a objetos provenientes de várias universidades, de outros museus pré-existentes ou de doações privadas, mantendo sua vocação original predominante para a Medicina e a Física. Em 1938, a estrutura do museu foi dirigida pelo Professor Pensa, que manteve o cargo até sua morte em 1970.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o museu permaneceu fechado, mas logo após o segundo pós-guerra, graças à contribuição apaixonada e competente do então reitor Plínio Fraccaro, o museu foi beneficiado com uma melhoria significativa nos espaços expositivos e aumentou ainda mais as suas coleções. A primeira ampliação real e importante dos espaços do museu aconteceu em 1956, com a anexação de uma grande sala destinada à exposição de preciosos documentos de papel sobre o desenvolvimento histórico da universidade ao longo dos séculos, enquanto, ainda no mesmo período, em outra sala ao lado das relíquias existentes de Alexandro Volta foram recebidos alguns aparelhos físicos fabricados por Giuseppe Belli, segundo sucessor da cátedra voltiana de Física Experimental. Em meados da década de 1960, porém, a crescente notoriedade da estrutura de Pavia em todo o território nacional determinou a iminente aquisição de novas peças e coleções, geralmente também bastante heterogêneas, fenômeno que, em pouco tempo, fez com que os espaços disponíveis para o museu se tornassem absolutamente pequenos e insuficientes. Assim, quando em 1970, Antonio Pensa indicou para a direção do museu o Professor Bruno Zanobio, docente da Universidade de História da Medicina da Lombardia, a primeira preocupação do novo diretor que permaneceria no cargo por quinze anos foi, antes de mais nada, garantir uma reorganização logística da estrutura; em 1983 também foram concluídas as obras de reorganização dos espaços expositivos, com a restauração das prateleiras originais do século XVIII e a distribuição das coleções nas três salas dedicadas à Medicina e na sala dedicada à Física, conciliando a conformidade com os critérios que inspiraram ao longo do tempo diretores e

“apoiadores” do Museu com os requisitos necessários de renovação científico-tecnológica.

Hoje, o Museu para a História da Universidade, dirigido pela Professora Lidia Falomo e cada vez mais central para o Sistema de Museus da Universidade de Pavia, preserva preparações anatômicas e naturalistas, relíquias médico-biológicas, instrumentos de Física e de cirurgia, manuscritos e textos impressos, bem como documentos relativos à história secular da universidade, constituindo – como observado com razão por Luigi Belloni – “um dos sacrários mais sugestivos da cultura europeia” (BELLONI, 1975, p. 151).

Na segunda metade do século XVIII – quando, seguindo as reformas realizadas pela Imperatriz da Áustria Maria Teresa, a Universidade de Pavia se tornou um dos centros científicos mais vanguardistas da Europa, surgem os núcleos originais das principais coleções: a seção de Física, reunida em torno dos instrumentos do antigo laboratório de Alessandro Volta, e a seção de Medicina, herdeira das coleções de anatomia que Antonio Scarpa organizou nas dependências que hoje abrigam o museu.

Ao entrar na estrutura, os visitantes são recebidos por uma galeria de professores ilustres ligados à Universidade de Pavia e à sua invejável tradição científica e cultural, representada por estátuas, gravuras, bustos, fotografias de época e medalhões feitos por ocasião da abertura do museu. Os retratos em mostra, distribuídos uniformemente em todas as paredes, permitem recapitular perfeitamente a história da Universidade de Pavia quase inteiramente e abrangem um período de tempo que vai do século XV até os anos 30 do século passado.

Os locais de entrada dão acesso às três salas da seção de Medicina (Sala Scarpa, Sala Porta, Sala Golgi) e às duas salas das seções de Física (Sala Volta e o Gabinete de Física do século XIX).

A Sala Scarpa é dedicada a Antonio Scarpa, médico e anatomista, aluno de Giambattista Morgagni, chamado a Pavia para ocupar a cátedra de Anatomia em 1783, no auge da temporada de reformas que estavam transformando a universidade em um dos centros mais vanguardistas na Europa. Dentro da sala são mantidos instrumentos e preparações que remontam à atividade da escola de anatomia dirigida por ele. Algumas

peças exclusivas remontam ao próprio Scarpa, mas principalmente aos seus sucessores, como é o caso de Bartolomeo Panizza, e foram selecionadas das coleções anatômicas e patológicas de seu museu, junto com algumas caixas de instrumentos cirúrgicos doados a Scarpa pelo Imperador Giuseppe II. Outras peças expostas na sala vêm de coleções contemporâneas à de Scarpa, como o Museu de História Natural de Lazzaro Spallanzani (1729-1799) e aludem ao contexto científico-cultural mais geral da época.

A sala Porta é dedicada ao progresso no campo da cirurgia e da clínica ao longo dos séculos XIX e XX e recebe esse nome em memória do cirurgião do século XIX, Luigi Porta. Abriga preparações e descobertas, protocolos de experiências e prontuários médicos compilados pelo próprio Porta e provenientes do museu que o cirurgião de Pavia montou na clínica cirúrgica do Hospital San Matteo, que foram, como visto, incorporados ao Museu para a História da Universidade. Nesta sala também está preservado e exposto o decreto de Napoleão datado de 23 de junho de 1800, no qual foram fornecidas instruções precisas e pontuais para a reorganização da Universidade de Pavia nas três faculdades de Filosofia, Medicina e Direito.

Finalmente, na última sala da seção de medicina, a sala Golgi, o protagonista é a atividade da escola científica fundada por Camillo Golgi, professor de histologia e patologia geral em Pavia, mas acima de tudo o primeiro italiano a ganhar o prêmio Nobel de medicina em 1906, pelo desenvolvimento de um método histológico que lançou as bases da neurociência moderna. Na sala estão preservados documentos manuscritos, preparações microscópicas, desenhos, instrumentos e o certificado do prêmio Nobel, ganho *ex aequo* com seu antagonista, o cientista espanhol Santiago Ramón y Cajal. Na mesma sala se “conserva” o testemunho de outros cientistas que se formaram na escola de Pavia, como, por exemplo, Paolo Mantegazza, Eusébio Oehl, Carlo Forlanini, Adelchi Negri.

A Seção de Física do Museu para a História da Universidade de Pavia é composta pelo Gabinete de Física de Alessandro Volta (Sala Volta), que ensinou física experimental em Pavia a partir de 1778, e do Gabinete de Física reconstruído como no século XIX. Na primeira sala estão as invenções de Volta e os instrumentos que ele usou para pesquisa e ensino, enquanto na segunda sala estão os instrumentos inventados ou utilizados por seus sucessores na cátedra de Física no decorrer do século XIX. A Sala Volta, inaugurada

em 1999, por ocasião das comemorações do bicentenário da invenção da pilha, abriga uma preciosa coleção de instrumentos pertencentes ao gabinete original de Volta. De um lado da sala, duas mesas de trabalho que pertenceram a ele abrigam alguns exemplares dos numerosos instrumentos (eletróforos, eletroscópios de palha e eletroscópios condensadores, eletrômetros, descarregadores, etc.) que ele usou para pesquisar as propriedades da carga elétrica e dos corpos eletrificados, bem como algumas cópias da pilha de Volta. No centro da sala, duas vitrines contêm instrumentos mecânicos e pneumáticos que pertenciam à escola secundária Ugo Foscolo em Pavia: aparelhos para o estudo do movimento em um plano inclinado e para o estudo de choques elásticos, bombas, uma fonte intermitente e um aparelho para avaliar a resistência do ar. São instrumentos comprados ou fabricados por Volta e que foram transferidos em meados do século XIX, quando uma reforma dos sistemas escolares trouxe para as escolas secundárias o ensino da Mecânica.

O Gabinete de Física do século XIX, restaurado e aberto ao público, hospeda os instrumentos coletado pelos sucessores de Alessandro Volta na cátedra de Física da Universidade de Pavia. Esta é uma coleção extremamente rica (cerca de 600 instrumentos, alguns dos quais são únicos no mundo), confirmando que as atividades de pesquisa e ensino em física experimental eram particularmente intensas, mesmo após a morte do físico de Como. Em particular, Giuseppe Belli, que dirigiu o gabinete em meados do século XIX, enriqueceu enormemente a coleção, até mesmo com vários aparelhos de sua invenção. Entre esses, é possível hoje apreciar o gerador de eletrostática por indução (que ele chamou de "ad attuazione"), um eletrômetro Bohnenberger modificado por ele, um motor magneto-elétrico e seu famoso duplicador. Finalmente, há também a presença de um aparelho para o estudo e tratamento de doenças pulmonares, de Carlo Forlanini.

Para enriquecer o Museu do Patrimônio Histórico da Universidade de Pavia, uma estrutura de museu histórico-médico composta de personalidades e disciplinas que permitiram à sede de Pavia se tornar ao longo dos séculos um ponto de referência essencial no panorama universitário italiano, contribui também a presença de um arquivo anexo ao Museu que preserva a documentação histórica a partir do século XV e que constitui uma integração considerável do que é preservado no Arquivo de Estado de Pavia (antigo arquivo da universidade) e no Arquivo Histórico da Universidade.

Parece oportuno notar que as coleções preservadas no Museu de Pavia nasceram principalmente como apoio ao ensino e à pesquisa, atividades que ainda hoje continuam a desempenhar um papel de importância primordial. Não é por acaso que o museu de Pavia, além de dedicar grande parte de sua energia ao possível aumento das coleções de museus e desenvolver projetos culturais e de multimídia interessantes e inovadores, como o *Pavia Project Physics*, promovido pelo Prof. Fabio Bevilacqua e que deu origem à criação de um portal inteiramente dedicado à valorização e difusão do imponente patrimônio histórico e científico acumulado na Universidade de Pavia no transcorrer de sua história gloriosa e plurissecular (BEVILACQUA, 1998), participa diariamente na colaboração com escolas de todos os níveis e graus para visitas, atividades e oficinas educativas. Além disso, o museu participa anualmente na realização de exposições organizadas pelo Sistema de Museus Universitários para difundir para o público em geral o conhecimento do precioso patrimônio da Universidade de Pavia com narrativas de exposições dedicadas às grandes descobertas feitas ao longo dos séculos ou a ilustres professores, o que contribuiu de forma decisiva para "fazer" a história da ciência.

O Museu Europeu dos Estudantes (MEUS) de Bolonha

De caráter menos institucional, fundado mais recentemente e com uma temática mais “inovadora” que o de Pavia, o Museu Europeu dos Estudantes (MEUS) de Bolonha representa um verdadeiro e próprio *unicum* no panorama dos museus europeus (BRIZZI, 2008; CAVALIERI, 2009; BRIZZI, 2010). De fato, pretende fomentar o conhecimento e o estudo do mundo estudantil, percorrendo, através de mais de oito séculos, o papel que o aluno tem desempenhado na universidade e na sociedade. Exatamente para reconhecer a esse particular protagonista da vida acadêmica “o respeito que merece como elemento fundamental do mundo universitário” (CAVALIERI, 2009), em março de 2009 a Alma Mater Studiorum de Bolonha, uma das mais antigas universidades da Europa e sede por excelência das primeiras associações estudantis, as *universitates*, inaugurou a realidade desse museu com o objetivo preciso de favorecer o conhecimento das mudanças inerentes à figura do aluno ao longo dos séculos, através da ilustração dos diferentes aspectos que caracterizaram os desenvolvimentos nos vários países europeus: mobilidade estudantil, vida material, associações, compromisso político, atividades

recreativas ou esportivas, a admissão tardia de mulheres nas universidades e os aspectos originais da cultura estudantil (jornais, música, teatro, festas).

A fundação e o desenvolvimento desse importante museu, dedicado à história daqueles estudantes que, há mais de oito séculos, exatamente em Bolonha, criaram regras comuns de coexistência e autogoverno, elaborando rituais e cerimônias que se tornaram elementos fundadores de sua identidade, necessariamente ligados a um projeto preciso e interessante criado há mais de vinte anos depois do encontro entre alguns historiadores que estudaram a presença dos alunos nas universidades, dirigido pelo prof. Gian Paolo Brizzi (então professor de história moderna e *deus ex machina* do emergente e já mencionado CISUI) e alguns expoentes de associações de ex-alunos, solicitados por Marco Bortolotti (na época, diretor do Arquivo Histórico), orientados a doar as relíquias de suas experiências como estudantes. O projeto, pelo menos em sua fase inicial, visava a simples exposição de objetos das associações goliárdicas, mas, após uma primeira exposição (*GAUDEAMUS IGITUR*, 1995), como o próprio Brizzi explicou

ele desenvolveu um projeto mais ambicioso, capaz de representar – de uma forma necessariamente sintética – a história dos estudantes universitários europeus desde suas origens até o presente. Por isso, promovemos seminários, conferências, reuniões de estudos – depois mesclados em volumes diversos, monografias, anais de congressos – para nos perguntar o que a história dos alunos representa para o historiador das mentalidades coletivas, para o cientista político, para o estudioso dos processos de formação das classes dirigentes, para o historiador dos costumes e da sociedade. (BRIZZI, 2005, p. 5-7)

Obviamente, esta iniciativa, embora estimulante, teve que lidar com o julgamento nem sempre lisonjeiro do mundo acadêmico “conservador” em relação ao componente estudantil e suas peculiaridades específicas e, acima de tudo, forçou os criadores do projeto a se questionarem desde o início precisamente sobre a oportunidade ou não de recorrer à fórmula de museu como um recipiente ideal para coletar o patrimônio da vida estudantil.

A adoção do termo “museu” – explicou Brizzi – nos lembra, em nosso sentimento comum, a ideia de algo que assumiu uma estrutura estável, definitiva em nossos conhecimentos e na função que lhes é atribuída no campo do saber. A condição de estudante é, ao contrário, uma fase de transição na vida de um indivíduo; é uma idade da vida que deixa muito pouco desperdício útil para uma exposição de museu; [...] talvez (exatamente por isso), termos como laboratório de pesquisa, centro de documentação poderiam ter sido mais adequados, mas consideramos que o termo museu serviria para reconhecer o respeito pela figura do estudante como um componente central do mundo universitário. (BRIZZI, 2005, pp. 7-8)

Daí a escolha compartilhada de identificar a cidade de Bolonha como a sede da nova realidade museológica, um lugar onde pela primeira vez na história os estudantes se concederam uma estrutura associativa independente, capaz de se autogovernar através da eleição periódica dos reitores, também eles estudantes, que durante séculos permaneceram a autoridade preeminente do *Studium*. Em 2009, esse estudante se tornou o protagonista indiscutível do Museu do Estudante Europeu em Bolonha, um resultado satisfatório para os esforços feitos neste sentido por Brizzi e seus colegas.

Instalado no segundo andar do Palazzo Poggi, no coração do complexo universitário de Bolonha na Via Zamboni, o MEUS ilustra a história da presença e das tradições estudantis nas principais cidades universitárias europeias, desde as origens até o presente, através de materiais provenientes de coleções arquivísticas antigas, doações ou aquisições em antiquários. Seu patrimônio, constituído por testemunhos da vida estudantil que se desdobram ao longo de um arco cronológico que vai do século XIII até 1968 e além, e que continua a ser enriquecido periodicamente graças a doações de todas as cidades europeias por órgãos públicos e indivíduos, é formado por um *corpus* selecionado de “testemunhos de estudantes” que consiste em fotografias, esculturas, pinturas, diplomas, pergaminhos, decretos, medalhas, honrarias, relíquias de vários tipos, livretos universitários, programas para festas goliárdicas, cartões postais, cartazes, assim como livros, obviamente, e de cerca de duzentos periódicos. Para enriquecer ainda mais o patrimônio há também a contribuição de um *banco de dados* contendo dados de mais de 450 mil estudantes que se formaram em Bolonha entre 1380 e hoje.

Parece impossível neste contexto descrever analiticamente o grande volume de material coletado ao longo dos anos pelos curadores da coleção do museu de Bolonha,

mas é oportuno destacar como cada grupo de estudantes e cada geração tenha buscado em diferentes épocas produzir seus próprios símbolos e sinais distintivos, apresentados hoje dentro do museu de Via Zamboni através de diferentes seções que traçam a vida do aluno, a evolução de seu *status*, suas identidades mutáveis, mas também a história das associações estudantis e suas relações nem sempre constantes com a instituição universitária. O MEUS é articulado, portanto, por um percurso dividido em cinco seções específicas, dedicadas à vida quotidiana e à disciplina intelectual e física, à entrada das mulheres na universidade, à participação política dos estudantes, à goliardia e às tradições folclóricas estudantis.

A primeira seção (chamada *Os personagens originais*) pretende retratar alguns dos aspectos salientes da constituição desta nova figura do estudante a partir da apresentação do privilégio de Frederico I de 1155, a fundação de toda a provisão subsequente para a proteção do estudante de qual, com uma série de mostras temáticas apropriadas, as formas organizacionais da autonomia corporativa, a organização de grupos (ou nações) e das universidades estudantis, os rituais de admissão, as práticas devocionais e, não menos importante, a *peregrinação acadêmica*. A segunda seção (*Disciplinar os comportamentos, os intelectos, os corpos*) descreve as mutações identificadas desde o final da Idade Média no papel assumido pelo estudante tanto em relação à instituição quanto às expectativas da sociedade e do poder político que desejavam exercer o próprio controle sobre a formação das competências necessárias para a futura classe dominante. Na era moderna, entre os séculos XVI e XIX, o mundo estudantil, tendo superado o sistema corporativista dos séculos passados, acaba se desintegrando em uma miríade de pequenas associações, cada uma guardiã cuidadosa de sua identidade regional. Assim se afirmam novos rituais que valorizam o gênero e o caráter elitista do mundo estudantil, incorporando também o esporte como parte integrante da formação, enquanto a ideologia meritocrática consegue se estabelecer como um valor invocado para moldar o comportamento do aluno. Para caracterizar a terceira seção (*A mulher na universidade*) há a tentativa bem-sucedida de refazer a história da entrada das mulheres na universidade, em um processo lento, gradual e difícil, mas que determinou a mudança na identidade do mundo estudantil e das formas de sociabilidade. A quarta seção (*Compromisso político*) ilustra o compromisso político do

jovem nos últimos dois séculos, quando, com o declínio da sociedade de Antigo Regime, a condição privilegiada do estudante se esgota definitivamente. Ele se torna, como qualquer outro contemporâneo, um cidadão e, como tal, é chamado a participar ativamente da vida da própria nação e a servir sua pátria como militar. Daí o envolvimento na ação política também nas formas de um compromisso militar direto: dos batalhões estudantis ativos na era napoleônica ou nas batalhas do Ressurgimento na Itália ou na Alemanha, assim como na Grécia, a participação política em apoio ou em oposição a movimentos totalitários até às lutas estudantis nos protestos dos anos representados por 1968. A quinta e última seção (*Cultura e folclore estudantil*), enfim, concentra-se nas atividades, principalmente de natureza lúdica, promovidas por organizações estudantis europeias tradicionais: dos jornais estudantis aos *pièces* teatrais, dos manifestos às roupas e aos chapéus tradicionais, sem deixar de fora até mesmo alguns vídeos dos carnavais estudantis tradicionais que completam da melhor maneira esse museu fascinante e inovador montado pelo MEUS de Bolonha. Na esperança concreta e vã de que em breve outras universidades se comprometam a “redescobrir” sua própria tradição e sua gloriosa história, estabelecendo, talvez graças à contribuição decisiva de algum reitor “esclarecido”, novos museus para a história da universidade, a fim de recuperar e valorizar esse enorme patrimônio histórico e artístico que pertence à melhor tradição da universidade italiana, mas que infelizmente hoje é mal conservado em um dos muitos arquivos abandonados e empoeirados da Península ou, pior ainda, esquecido com negligência culpada em algum depósito abandonado e arruinado da universidade.

Referências

ANDREASSI, Rossella; BARAUSSE, Alberto; D'ALESSIO, Michela. **Museo della scuola e dell'educazione popolare dell'Università degli Studi del Molise**. Cabás. Polanco: Crieme, v. 16, p. 143-167, 2016.

ASCENZI, Anna; PATRIZI, Elisabetta. I Musei della scuola e dell'educazione e il patrimonio storico-educativo. Una discussione a partire dall'esperienza del Museo della scuola «Paolo e Ornella Ricca» dell'Università degli Studi di Macerata. **History of Education & Children's Literature**. Macerata: Eum, v. 9, n. 2, p. 685-714, 2014.

BEVILACQUA, Fabio. Pavia ProjectPhysics, **Annali di storia delle università italiane**. Bologna: CISUI, v. 2, p. 306-307, 1998.

BRIZZI, Gian Paolo. **La storia delle università in Italia: l'organizzazione della ricerca nel XX secolo**. In: SITRAN REA, Luciana (a cura di). *La storia delle università italiane*. Archivi, fonti, indirizzi di ricerca. Atti del convegno. Padova, 27-29 ottobre 1994. Trieste: Edizioni Lint, 1996, p. 273-309.

BRIZZI, Gian Paolo. Nasce Meus. Un nuovo museo per l'Alma Mater: questa volta si parla di studenti. A.D. 1088. **Rivista dell'Università di Bologna**. Bologna: Bologna University Press, v. 1, p. 5-14, 2008.

BRIZZI, Gian Paolo. Un Museo dedicado a los estudiantes de las universidades europeas. In PESET REIG, Mariano (pr.). **Facultates y grados**. X Congreso Internacional de historia de las Universidades Hispánicas (Valencia, Noviembre 2007). Valencia: Universitat de València, 2010, v. I, p. 275-284.

BRUNELLI, Marta. La catalogazione dei «beni culturali» della scuola: questioni metodologiche e concettuali. In: CAVALLERA, Hervé Antonio (a cura di). **La ricerca storico-educativa oggi**. Un confronto da metodi, modelli e programmi di ricerca. Lecce-Brescia: Pensa MultiMedia, 2013, v. I, p. 193-218.

CAVALIERI, Raffaella. **Tra storia delle università e viaggio d'istruzione: l'evoluzione degli atenei europei riprodotta a Bologna nel primo Museo Europeo degli Studenti**. Astrolabe, Clermond: Centre de Recherche sur la Literature des Voyages, v. 5, n. 28, 2009, on line.

FREGONESE, Lucio. Il Museo per la storia dell'Università di Pavia: storia, patrimonio e nuovi allestimenti. **Annali di storia delle università italiane**. Bologna: CISUI, v. 5, p. 221-226, 2001.

GALLIGARO, Alberto. Il museo per la storia dell'Università di Pavia. **Politecnico**: rivista del Politecnico di Milano. Milano: University Press, v. 4, p. 6-11, 1991.

Gaudeamus igitur: studenti e goliardia 1888-1923. **Mostra tenuta a Bologna nel 1995**. Bologna: Bologna University Press, 1995.

GUDERZO, Giulio (a cura di). **Per una storia dell'Università di Pavia**. Bologna, CLUEB, 2003.

LA ROVERE, Luca. **Storia dei Guf: organizzazione, politica e miti della gioventù universitaria fascista, 1919-1943**, Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

MEDA, Juri. Musei della scuola e dell'educazione. Ipotesi progettuale per una sistematizzazione delle iniziative di raccolta, conservazione e valorizzazione dei beni culturali delle scuole. **History of Education & Children's Literature**. Macerata: Eum, v. 5, n. 2, p. 489-501, 2010).

MORETTI, Mauro. La storia dell'Università italiana in età contemporanea. Ricerche e prospettive. In: SITRAN REA, Luciana (a cura di). **La storia delle università italiane**. Archivi, fonti, indirizzi di ricerca. Atti del convegno. Padova, 27-29 ottobre 1994. Trieste: Edizioni Lint, 1996, p. 335-381.

MUSEO PER LA STORIA DELL'UNIVERSITÀ DI PAVIA. Attualità in storia della medicina e storia della fisica. **Omaggio a Bruno Zanobio**. Pavia: Goliardica Pavese, 1996.

PENSA, Antonio. **Visita al Museo della storia dell'Università di Pavia**, Milano: Alfieri e Lacroix, 1961.

POMANTE, Luigiaurelio. Las investigaciones sobre la historia de las universidades en Italia. Un balance historiográfico del siglo pasado. **CIAN-Revista de Historia de las Universidades**. Madrid: Editorial Dykinson, v. 20, n. 1, p. 163-192, 2017.

POMANTE, Luigiaurelio. **Giuseppe Bottai e il rinnovamento fascista dell'Università italiana (1936-1942)**, Milano: FrancoAngeli, 2018.

Recebido em: 21/03/2019
Aprovado em: 11/06/2019

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 20 - Número 44 - Ano 2019
revistalinhas@gmail.com